

ENTREVISTA COM A PROFESSORA DOUTORA MARIA ADÉLIA APARECIDA DE SOUZA




Fonte: Acervo pessoal de Maria Adélia Aparecida de Souza.

Nascida em Espírito Santo do Pinhal e criada em São João da Boa Vista, cidades paulistas próximas à divisa com Minas Gerais, Maria Adélia Aparecida de Souza formou-se em Geografia pela Universidade de São Paulo em 1962. Fez especialização sob orientação de Jean Louis Lebret e mestrado tendo orientação de Celso Furtado pela Universidade de Paris, na França, ainda na década de 1960. Obteve o título de doutora pela Universidade de Paris I em 1975 e já em 1989 alcançava a Livre-Docência pela Universidade de São Paulo.

Ao longo de sua trajetória profissional acumula atividades em diversas instituições públicas e universidades do Brasil e do exterior, atualmente atuando na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), em Foz do Iguaçu, Paraná.

Com posições políticas claras e contundentes, a professora respondeu, por meio eletrônico, às seguintes questões formuladas pela *Geodiálogos* no mês de junho de 2016.

 O que levou a senhora a estudar e trabalhar com Geografia? Foi uma opção consciente ou o gosto pela área surgiu quando a senhora entrou na graduação?

Maria Adélia. Sempre tive uma imensa curiosidade em compreender o mundo. E, vivendo em uma pequena cidade do interior de São Paulo, o que nos levava a isso naquela época, eu e muitos outros curiosos, era a Geografia. Mas, no ginásio e no científico (nomenclatura daquela época dada ao ensino fundamental e médio de hoje), foi meu professor Romeu

Menezes Cabral que, com suas magníficas aulas de Geografia me fez compreender, definitivamente, que esse seria o meu caminho e o meu projeto de vida: ser professora de Geografia. Eu sempre pensei em ser professora, desde os 8 anos de idade, coisa que faço com enorme prazer até hoje, mesmo aposentada.

Sempre foi um gosto consciente, desde menina. Só que naquele tempo, menina ainda, eu não sabia como é que deveria buscar essa formação. Mas no curso ginásio já descobri e comecei a me preparar, orientada pelo Professor Romeu Cabral, que me referi acima.

Antes de responder às demais perguntas formuladas, advirto aos editores e aos leitores que não abduco nem da crítica, nem da liberdade que o intelectual, mesmo em formação, precisa ter e do rigor na compreensão, produção e ensino da Geografia.

 Como foi atuar como geógrafa durante a ditadura cívico-militar no Brasil?

Maria Adélia. Durante os primeiros anos da ditadura militar eu ainda estava na França cursando o IRFED, um instituto vinculado ao Movimento Internacional

Antes de responder às demais perguntas formuladas, advirto aos editores e aos leitores que não abduco nem da crítica, nem da liberdade que o intelectual, mesmo em formação, precisa ter e do rigor na compreensão, produção e ensino da Geografia.


de Economia e Humanismo, cujo diretor principal era o padre dominicano Jean-Louis Lebret. Esse instituto formava planejadores em diferentes abordagens (planejamento social, planejamento da educação, planejamento econômico e planejamento territorial). Eu cursei, obviamente, o Planejamento Territorial, atividade que desenvolvo até hoje e que no Brasil, equivocadamente, sempre se chamou de planejamento urbano e regional. E, logo depois do curso do IRFED, entrei para obter um DES (*Diplôme d'Études Supérieures*) que, grosso modo, correspondia ao mestrado de hoje.

Fui, então, orientada pelo Professor Celso Furtado, que já estava exilado na França e dando aulas na Faculdade de Economia da Universidade de Paris. Assim, durante esse tempo em Paris, participei da resistência democrática como militante, na AP (Ação Popular). Dei sequência à militância que tinha tido em São Paulo no início dos anos 1960. No Brasil, quando regressei em meados de 1966, às vésperas da promulgação do AI5 (Ato Institucional nº. 5), fui trabalhar na Secretaria de Economia e Planejamento de São Paulo, pois era “planejadora territorial” e, participei de projetos importantes como a primeira regionalização administrativa do Estado e a instituição do GEGRAN – Grupo Executivo da Grande São Paulo que, depois, vai se transformar na EMPLASA (Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano), nossa empresa de planejamento metropolitano que existe até hoje.

Na atuação profissional durante o regime militar era preciso estar vigilante, pois corríamos riscos sérios, de vida inclusive... Tive trabalhando comigo, na Secretaria, nesses tempos, colegas que eram inclusive militantes clandestinos... Era, no mínimo, tenso... Durante o dia no Palácio dos Bandeirantes e a noite... na clandestinidade... Tempos sombrios e difíceis, que

Na atuação profissional durante o regime militar era preciso estar vigilante, pois corríamos riscos sérios, de vida inclusive... [...] Tempos sombrios e difíceis, que temo voltem ao Brasil, lamentavelmente. Com outros ares e outras caras... Mas, sempre cheio de perseguições e denunciamentos...

temo voltem ao Brasil, lamentavelmente. Com outros ares e outras caras... Mas, sempre cheio de perseguições e denunciamentos...

 A senhora acompanhou a criação da Lei nº 6.664, de 26 de junho de 1979? O que a senhora acha desta lei e o exercício das atividades de geógrafo (bacharel em Geografia) no Brasil?

Maria Adélia. Acompanhei sim! Acho uma lei importante. No entanto, os cursos de Geografia não atentaram para ela e não formamos geógrafos “profissionais”, em realidade, pois nossos cursos continuam velhos, desatualizados e franceses!!! E, com isto, perdemos muito! Há uma luta política que precisa ser travada nesse sentido, mas nossas sociedades científicas, que são duas: a preciosa AGB (Associação dos Geógrafos Brasileiros), completamente desfigurada com seus coletivismos inúteis; e a ANPEGE (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia), que deveria ter uma política de monitoramento para o aprimoramento dos programas de pós-graduação e pesquisa, seguindo o mesmo caminho coletivista e de constituição de massa da AGB, segundo minha avaliação, também se descaracterizou...


Estamos órfãos! Criou-se a ANPEGE para que a qualidade da Geografia ensinada e pesquisada no Brasil melhorasse. Mas hoje ela é também uma AGB com todos os seus defeitos e poucas qualidades, pela leitura e acompanhamento que faço dos seminários que convoca e do que produz e publica.

O resultado de tudo isso é que os geógrafos, embora tenham uma lei criando sua profissão, têm perdido terreno, pois inclusive muitos cursos de Geografia estão sendo fechados no Brasil pela baixa qualidade do ensino que não atrai o estudante de hoje. E com razão! O que se ensina ainda é a

O resultado de tudo isso é que os geógrafos, embora tenham uma lei criando sua profissão, têm perdido terreno, pois inclusive muitos cursos de Geografia estão sendo fechados no Brasil pela baixa qualidade do ensino que não atrai o estudante de hoje. E com razão!

Geografia tradicional – veja as grades curriculares dos nossos cursos, que velharia, ainda carregando uma dicotomia física e humana, já ultrapassada pelo movimento do mundo. Mas os geógrafos ou andam cegos, ou tornaram-se travestidos... com todo respeito! É lamentável o que acontece com a Geografia hoje, aqui e no mundo... E, no entanto, o espaço geográfico e o território usado são categorias que estão sendo usadas e praticadas por muitos, em muitas áreas do conhecimento e da ação, por quem não entende nada disso, deformando, por conseguinte, nossos conceitos basilares.

[Nós, os geógrafos, somos muito pouco eruditos e somos incultos. Adotamos mecanicamente obras, exibimos uma pseudo-erudição sobre um autor e ponto final. Mas hoje, mais que nunca, a ciência não caminha linearmente, nem só, isolada uma da outra.]

 Para a senhora, por que ainda persiste a dicotomia Geografia “Física versus Humana” e o surgimento de ainda outras, como “licenciatura versus bacharelado”, por exemplo, se muitos que fazem essas separações costumam apontar a unidade da ciência geográfica?

Maria Adélia. A resposta é simples: absoluto desconhecimento sobre Epistemologia da ciência e da Geografia e sua evolução necessária na produção da História do Pensamento em geral, da História do Pensamento Geográfico, em particular, e no conhecimento profundo sobre as características do mundo do presente e o papel da Geografia na constituição do mundo novo.

Nós, os geógrafos, somos muito pouco eruditos e somos incultos. Adotamos mecanicamente obras, exibimos uma pseudo-erudição sobre um autor e ponto final. Mas hoje, mais que nunca, a ciência não caminha linearmente, nem só, isolada uma da outra. A prática multidisciplinar é cada vez mais requisitada para dar conta da interdisciplinaridade da realidade. Nem essa distinção entre o que é interdisciplinar e multidisciplinar os geógrafos sabem

fazer. Lendo sobre os equívocos dos outros e desconhecendo o que seja o espaço geográfico e o território usado, uma totalidade em movimento, sendo o primeiro uma instância social e o segundo uma categorial social de análise, ainda acreditam que a interdisciplinaridade é um atributo do sujeito... E por aí vai!

Essa coexistência entre a Geografia Física e a Geografia Humana nas nossas grades curriculares, revelam essa pobreza intelectual, que implica em dois problemas sérios: a Geografia Humana não consegue avançar teórica e epistemologicamente e a Geografia Física, permanece agarrada à Humana, perdendo terreno em algumas questões onde nossos colegas são indispensáveis, como por exemplo, a Geomorfologia, a Climatologia. Quando apresento esses argumentos, tanto os colegas da Geografia Humana quanto os da Geografia Física ficam muito bravos comigo, mas jamais escreveram um artigo provando o contrário. Na Geografia brasileira faz-se mais política que ciência. Produzem-se mais celebridades, que geógrafos bons. Digo isso com tanta veemência, pois jamais ensinei Geografia na graduação na USP, onde de fato a formação estrita e excelente do geógrafo precisa ser conhecida e ensinada. Sempre ensinei Planejamento na USP, jamais Geografia!!!

[Na Geografia brasileira faz-se mais política que ciência. Produzem-se mais celebridades, que geógrafos bons. Digo isso com tanta veemência, pois jamais ensinei Geografia na graduação na USP, onde de fato a formação estrita e excelente do geógrafo precisa ser conhecida e ensinada.]

 Para a senhora, qual a importância da Geografia desenvolvida no Brasil para a ciência mundial?

Maria Adélia. Institucionalmente, NENHUMA, hoje em dia. Pessoalmente, há colegas que se destacam, com seu trabalho individual, nas diferentes geografias que produzem.

E Milton Santos, com sua Geografia Nova, ainda não é muito lido e praticado nem no Brasil, quanto mais no exterior. Mas é conhecido e respeitado, cada vez mais, em muitos lugares do mundo, onde seus livros foram traduzidos: Inglaterra, França, Japão, Espanha e, sobretudo, na América Latina. Mas eu penso que ainda está aquém, esse conhecimento, do valor e da densidade de sua obra, que, aliás, é de difícil compreensão.

Tentei colaborar, com minha capacidade ainda que limitada, produzindo um curso para a UNILA, de modo a contribuir para a difusão e aprimoramento da Geografia. Intitulei esse curso de *Território e Sociedade na América Latina*, pois a UNILA é uma universidade temática, pioneira no Brasil como é a UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), criada no Nordeste brasileiro. Ela foi criada e concebida como um projeto maravilhoso, que vem sendo completamente deturpado. Fui a primeira Pró-Reitora de Graduação da UNILA. Montei seus primeiros 16 cursos e sei do que estou falando. Até porque, preparei-me bastante para exercer com competência essa função. Concebi toda a grade curricular da Geografia, redigi as ementas de todas as disciplinas. Queria que viesse a ser o melhor curso de Geografia do Brasil.

Acabo de passar duas semanas na UNILA, pois sou pesquisadora visitante daquela universidade. O curso mudou de nome, disciplinas novas estão sendo pouco a pouco incluídas... a velha USP em ação, na fronteira. Lamento, muito! E embora o curso tenha minha autoria, como é público e notório naquela universidade, jamais fui convidada a discuti-lo. Os geógrafos, realmente, têm muito que aprender sobre o que seja a vida acadêmica, seus ritos, sua ética, suas finalidades. Precisam ler, com urgência, *A Missão da Universidade*, de Ortega y Gasset. Mas deixando as ideologias e os

[Os geógrafos, realmente, têm muito que aprender sobre o que seja a vida acadêmica, seus ritos, sua ética, suas finalidades. Precisam ler, com urgência, A Missão da Universidade, de Ortega y Gasset. Mas deixando as ideologias e os preconceitos em casa. Estes têm sido os nossos maiores inimigos, na Geografia brasileira.]

preconceitos em casa. Estes têm sido os nossos maiores inimigos, na Geografia brasileira.

🌐 Quando e como foi seu contato com Milton Santos e o trabalho que ele desenvolveu?

Maria Adélia. Conheci alguns textos de Milton Santos, ainda quando estudante da graduação, sendo ele presidente da AGB (associação que já foi ilustre um dia...). Depois veio o golpe militar, Milton exilou-se em diferentes países, mas eu o reencontrei em Paris, penso que no início de 1966 ou final de 1965, não me lembro bem.



Fonte: Acervo pessoal de Maria Adélia Aparecida de Souza.

Aliás, estava eu correndo para uma orientação individual com o Professor Celso Furtado em um café ao lado da Sorbonne, pois tinha ido comprar umas apostilas do Professor Milton Santos na PUF, editora e livraria ao lado do café onde

tinha o encontro e estava em cima da hora. Ao sair, correndo da porta da livraria, com a chuva e o frio que fazia, atropelei um senhor, derrubei todos meus cadernos e livros no chão.

Esse senhor muito amável e educado, ajudou-me a juntar todo o material e olhou para os cadernos sobre Economia Urbana que eu acabara de comprar. Autor: Milton Santos, o jovem senhor educado que me ajudou a catar os livros meio sujos na calçada: Milton Santos.

Resultado: acompanhou-me na orientação, pois quis ir cumprimentar


seu amigo Celso Furtado. Eu fiquei sem orientação naquele dia, mas tive uma das mais bonitas aulas dadas pela conversa de dois ilustres e inteligentes brasileiros. E, a partir daí, reencontrei-me com Milton Santos, que se transformou no meu melhor amigo. Eu voltei para o Brasil em junho de 1966 e só fui reencontrar Milton em 1973, trazendo-o para trabalhar como meu consultor na ação regional na Secretaria de Planejamento de São Paulo e ajudar-me a produzir a primeira Política de Desenvolvimento Urbano e Regional do

Estado de São Paulo. A partir daí não nos largamos mais... Fizemos muitas coisas lindas na USP e pelo Brasil afora, juntos. E fomos os primeiros dirigentes da ANPEGE. Constam dos autos!!!

[Eles [(geógrafos e professores de Geografia)], bem formados, são indispensáveis!]

 **Em que área específica a senhora tem se dedicado atualmente?**

Maria Adélia. Nos últimos 40 anos sempre me interessei pela epistemologia da Geografia. E, ultimamente, voltei ao planejamento territorial e, sobretudo, à chamada Geografia Urbana, que sempre foi minha grande paixão... e jamais abandonei.

 **Considerando sua experiência, como a senhora enxerga o papel do profissional de Geografia (geógrafos e professores de Geografia) no atual contexto espacial (político, econômico, social, territorial, entre outros) brasileiro e mundial?**

Maria Adélia. Eles, bem formados, são indispensáveis! Tal como saem da universidade... só para a escola secundária, que entra agora em plena revolução ou para a universidade que está decadente... ou para a pós-

graduação. Exatamente quando o Espaço Geográfico assume, como se diz hoje, na “toada” do Banco Mundial, um protagonismo excepcional! É lamentável!!!